



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA PLENA

MANUEL ALVES BEZERRA NETO

**MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE: PROPOSTAS
PEDAGÓGICAS PARA SEREM APLICADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

São Luís
2017

MANUEL ALVES BEZERRA NETO

**MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE: PROPOSTAS
PEDAGÓGICAS PARA SEREM APLICADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de
Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal
do Maranhão como requisito parcial para obtenção de
grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. M.^a. Gabriela Flor Visnadi da Silva.

São Luís
2017

TERMO DE APROVAÇÃO
MANUEL ALVES BEZERRA NETO

MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE: PROPOSTAS
PEDAGÓGICAS PARA SEREM APLICADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. M.^a. Gabriela Flor Visnadi da Silva.

Aprovado em ----/----/----

Banca Examinadora

Prof.^a. M.^a. Gabriela Flor Visnadi da Silva (Orientadora).....
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales Padilha
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Verónica Pascucci
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

DEDICATÓRIA

À minha Mãe Valderiza Antunes Bezerra de Lima, pelo o exemplo de vida docente e superação de vida profissional.

.

AGRADECIMENTOS

O Deus Jeová.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em uma conjuntura geral (Docentes, Coordenadores, Técnicos Administrativos, bibliotecários, entre outros) por ter adotado-me como filho para o benefício dessa caminhada.

À Profa. M.^a. Gabriela Flor Visnadi e Silva, minha orientadora, pessoa pela a qual tenho grande estima e apreço, pela exagerada dedicação profissional, pela grande educadora que é, e excelente profissional que muito me acolheu, conduzindo-me por caminho certo para o ponto culminante desse trabalho em momentos dúbios, sendo que essa trajetória ao mesmo tempo se fez inconstante deste andamento acadêmico.

Aos Professores do Curso de Licenciatura da UFMA, em especial ao Professor Dr. Ricardo Mazzini Bordine e a M.^a. Risaelma de Jesus pela dedicação em seus ensinamentos.

Aos funcionários que atenderam e atendendo ao referido Curso, que pelo empenho dispendido ao mesmo, ajudaram-me a chegar ao final desta caminhada de forma exitosa.

À bibliotecária da nossa instituição educacional UFMA, Araceli Xavier da Silva, por colaborado comigo fazendo a correção ortográfica e a normatização ortográfica deste trabalho científico.

Aos Colegas, em especial Paulo Gomes por estarem ao meu lado em vários momentos difíceis em minha saga acadêmica.

Aos amigos Luciana Diniz e Pedro Antunes por terem me acolhido em sua residência no começo de minha trajetória acadêmica como membro de sua família na cidade São Luís.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, compartilharam do meu caminhar. Sou muito agradecido por me possibilitar esta experiência enriquecedora e tão gratificante!

“A interdisciplinaridade na educação busca uma reforma estrutural do ensino, das disciplinas e do cotidiano escolar muito em função do sujeito que ela pretende formar” (LIMA, 2016, p.137).

BEZERRA NETO, Manuel Alves. *Música e interdisciplinaridade*: propostas de caminhos para a elaboração de projetos pedagógicos na Educação Básica. 52 fl. 2016. Monografia (Curso de Licenciatura em Música) – Universidade Federal do Maranhão, 2016.

RESUMO

Este trabalho monográfico objetiva de forma **geral**: compreender os valores e princípios do trabalho pedagógico interdisciplinar, relacionando-o com a música no contexto da escola Educação Básica. Objetiva especificamente: conhecer os princípios, valores e aspectos históricos da interdisciplinaridade na Educação; fazer um levantamento de publicações que relacionam música e interdisciplinaridade; apresentar propostas práticas que envolvam o ensino de música em uma perspectiva interdisciplinar. A motivação para investigar sobre essa temática surgiu no decorrer da minha experiência adquirida em diálogos com docentes e discentes enquanto acadêmico durante o curso de graduação em Música da UFMA. E pela necessidade de trazer hipótese positiva a pedagogia musical nos processos didático-metodológico, por meio do diálogo disciplinar, objetivando a interação propiciando uma conjuntura eficaz da formação dos discentes de Música na educação básica. O trabalho é de caráter qualitativo. Utilizando-se pesquisa bibliográfica, nos meios digitais, elaboração de fichamentos e resumo como metodologia para a realização do trabalho. Essa metodologia nos propiciou abrangência para que tivéssemos a escolha de cinco livros significativos sobre o ensino de música e ensino de música e interdisciplinaridade entre outros. As propostas a serem apresentadas, estão elaboradas por meio dos Temas Transversais. Neste sentido, a partir dos questionamentos e reflexões levantadas, pretende-se responder a seguinte questão: De que maneira a Música pode ser trabalhada significativamente em contexto/projetos interdisciplinar? Nesse sentido, chegamos ao momento de delinear o percurso para estruturação deste trabalho. Caminho que possa levar os leitores a uma reflexão a temática deste trabalho, conscientizando-os que o ensino da Música dessa natureza não diminui o campo da Música, caminho para quebrar a hierarquização disciplinar no seio das instituições educacionais. No primeiro capítulo, apresentaremos um texto introdutivo, tecendo teia para o segundo capítulo onde iremos trazer a concepção de música, musicalização e educação musical, e um breve histórico da Música na escola, partindo desde o ano de 1930, tendo como base os documentos de políticas públicas até a aprovação da Lei 11.769/08. No terceiro capítulo, discutiremos o conceito e falaremos um breve histórico sobre interdisciplinaridade e sua aplicação na escola básica. No quarto capítulo, apresentaremos música, Interdisciplinaridade e Temas Transversais. E apresentaremos um plano de aula em uma perspectiva interdisciplinar para amplitude pedagógica do trabalho.

Palavras-Chave: Ensino de música; Música na educação básica; Interdisciplinaridade; Música e interdisciplinaridade; Temas transversais.

Keywords: Teaching music; Music in basic education; Interdisciplinarity; Music and interdisciplinarity; Cross-cutting themes.

ABSTRACT

This monographic work aims in general: to understand the values and principles of interdisciplinary pedagogical work, relating it to music in the context of the Basic Education school. Objective: to know the principles, values and historical aspects of interdisciplinarity in Education; Make a survey of publications that relate music and interdisciplinarity; Present practical proposals that involve the teaching of music in an interdisciplinary perspective. The motivation to investigate this theme arose in the course of my experience gained in dialogues with teachers and students as an academic during the undergraduate course in Music at UFMA. And for the necessity to bring positive hypothesis the musical pedagogy in the didactic-methodological processes, through the disciplinary dialogue, aiming at the interaction, propitiating an effective conjuncture of the training of Music students in basic education. The work is qualitative in nature. Using bibliographical research, in digital media, drawing up of summaries and as a methodology for the accomplishment of the work. This methodology provided scope for us to have the choice of five significant books on teaching music and teaching music and interdisciplinarity among others. The proposals to be presented are elaborated through the Transversal Themes. In this sense, based on the questions and reflections raised, it is intended to answer the following question: How can Music be significantly worked in interdisciplinary projects / context? In this sense, we come to the moment of outlining the course for structuring this work. Path that can lead the readers to a reflection on the theme of this work, making them aware that the teaching of Music of this nature does not diminish the field of Music, way to break the hierarchical discipline within educational institutions. In the first chapter, we will present an introductory text, weaving a web for the second chapter where we will bring the conception of music, musicalization and music education, and a brief history of Music in school, starting from the year 1930, based on the documents Until the approval of Law 11.769 / 08. In the third chapter, we will discuss the concept and talk about a brief history about interdisciplinarity and its application in elementary school. In the fourth chapter, we will present music, Interdisciplinarity and Transversal Themes. And we will present a lesson plan in an interdisciplinary perspective for the pedagogical scope of the work.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CONCEPÇÃO DE MÚSICA, MUSICALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL.....	13
2.1	Breve histórico da música na escola.....	19
3	CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADES.....	24
3.1	Breve históricos da interdisciplinaridade.....	26
3.2	Formações docentes em uma perspectiva interdisciplinar.....	30
3.3	Características do trabalho interdisciplinar no contexto da escola básica.....	34
4	MÚSICA, INTERDISCIPLINARIDADE E TEMAS TRANSVERSAIS.....	37
4.1	Música na interdisciplinaridade.....	37
4.2	Temas Transversais, reflexões para amplitude das atividades.....	39
4.3	Proposta didática para a aula de música: Bum-Meu-Boi.....	42
4.3.1	APRESENTAÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	42
4.3.2	OBJETIVO GERAL.....	43
4.3.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	44
4.3.4	CONTEÚDOS.....	44
4.3.5	METODOLOGIAS.....	44
4.3.5.1	ATIVIDADE.....	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso discute o ensino da Música¹ nas escolas de Educação Básica partir de uma perspectiva interdisciplinar. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica² sobre diferentes abordagens da educação musical e sobre Interdisciplinaridade, procurando articular as discussões apresentadas pelos autores pesquisados sobre Música e Educação Musical (BASTIAN, 2012; SWANWICK, 2003; SCHAFER, 1991; BRÉSCIA, 2003; PENNA, 2006; 2012) e sobre Interdisciplinaridade (FAZENDA, 1993, 1998, 2008; 2012; LIMA, 2007, 2013, 2015, 2016, 2016a; PONSO, 2014; LOUREIRO, 2010), resultando em algumas propostas de atividades envolvendo música em uma perspectiva interdisciplinar.

A motivação para investigar esta temática surgiu a partir da minha própria experiência adquirida, principalmente, em discursões com docentes e discentes quando frequentei o curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Algumas reflexões e indagações surgiram a partir destes diálogos, como: é possível realizar um trabalho significativo com música em caráter interdisciplinar? De que maneira o diálogo com outras áreas do conhecimento pode contribuir para a compreensão e apreensão de conteúdos musicais? Como articular a música com outras disciplinas sem perder do foco os objetivos musicais a serem desenvolvidos? Os professores de música são preparados, na sua formação, para trabalhar de forma interdisciplinar? A partir de então, a ideia de trabalhar com a música em uma perspectiva interdisciplinar foi, aos poucos, crescendo e amadurecendo até chegar ao ponto de tornar-se o tema deste trabalho de conclusão de curso.

As linhas contidas neste trabalho são frutos das leituras, diálogos e práticas vivenciadas, que foram as fontes de motivação para seguir trabalhando com o tema. As leituras foram fundamentais para a organização de meus pensamentos, esclarecendo

¹ Neto (2017, p. 2) nos ressalta que ara a relevância da Música em caráter interdisciplinar a formação docente, ela “Música” faz referência a área de conhecimento, ciência que contempla os três objetivos da a Constituição Brasileira (CB) para com a nossa educação sendo eles: o desenvolvimento pleno do discente, o preparo para o exercício da cidadania e, o preparo para o trabalho de forma qualificada. Em congruência com a Constituição Brasileira se faz a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB). E “música” se refere à audição aquela que ouvimos nos aparelhos e instrumentos reprodutores de sons.

² Como ressalta Bresler (2007, p. 8). Nós usamos pesquisa qualitativa como um termo geral que se refere a várias estratégias de pesquisa que compartilham certas características: 1) descrição detalhada do contexto de pessoas e eventos; 2) observação em ambientes naturais que, comparada com abordagens tradicionais experimentais, apresenta pouca intervenção; 2 3) ênfase na interpretação gerada por perspectivas múltiplas que apresentam questões relacionadas aos participantes e questões relacionadas ao pesquisador;3 e 4) validação da informação através de processos de triangulação.

dúvidas e inquietações. Os diálogos com colegas alunos e professores foram úteis no sentido de alimentar o pensamento criativo, conhecer outros pontos de vista e compartilhar diferentes experiências. As práticas em sala de aula vivenciadas no Estágio Supervisionado³ e no PIBID⁴ proporcionaram ricas experiências, nas quais foi possível perceber que a interdisciplinaridade tem oferecido possibilidades de avanço educacional, compondo estratégias metodológicas que possibilitam o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e a articulação com as novas tecnologias.

Alguns desafios surgiram durante esta caminhada, sendo que a dificuldade mais presente foi o número pequeno de trabalhos publicados frutos de pesquisas sobre a música na interdisciplinaridade. O próprio modelo de ensino presente nas escolas brasileiras é, em grande parte, inadequado para trabalhos dessa natureza, pois as disciplinas são organizadas de maneira fragmentada, distribuídas ao longo da matriz curricular de forma desconectada umas das outras. Além disso, podemos apontar uma deficiência na formação dos professores, já que, muitas vezes, os cursos de licenciatura não preparam, significativamente, os futuros professores para lidar com todos os aspectos que envolvem um trabalho interdisciplinar - desde a elaboração das propostas até a prática interdisciplinar em sala de aula (LIMA, 2016).

Por outro lado, as rápidas transformações que estamos vivenciando na atualidade - devido ao desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação - surtem efeitos nas maneiras de socialização entre as pessoas; nas formas de buscar informações e conhecimentos; e é claro, nas formas de aprender e ensinar, trazendo desafios à docência e tornando essencial que se faça uma reflexão sobre os modelos de educação na atualidade (LIMA, 2007). Este quadro tem como efeitos os desafios em todos os campos da formação humana. Exige que os docentes estejam capacitados para lecionar em uma conjuntura interdisciplinar, onde nada tem sentido de forma isolada, fugindo do modelo educacional eurocêntrico tradicional, como explica Lima (2007, p.54). A interdisciplinaridade pode ser um caminho de ligação, uma “ponte” que propicia um trabalho para a compreensão de conhecimentos de uma forma interligada e relacionada com o contexto da comunidade (BONATTO et al, 2012, p.9). Nesse pensamento, é

³ Vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Essa etapa educacional obrigatória oportuniza o crescimento pessoal e profissional docente. Também relata a importância da experiência de poder alinhar as práticas aos conhecimentos teóricos construídos na vida dos acadêmicos de graduação.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Permite ao aluno uma experiência no ambiente escolar antes de se formar, propiciando uma relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessárias a docência.

imprescindível refletir sobre a formação de professores, preparar para serem capazes de articular as necessidades e interesses da atualidade em trabalhos interdisciplinares e compatíveis com as transformações da contemporaneidade.

A partir destes questionamentos e reflexões, chegou-se à seguinte questão: de que maneira a música pode ser trabalhada significativamente em uma perspectiva interdisciplinar? Por meio desta questão, foi delineado como objetivo geral: compreender os valores e princípios do trabalho pedagógico interdisciplinar, relacionando-o com a música na Educação Básica. Como objetivos específicos: conhecer os princípios, valores e aspectos históricos da interdisciplinaridade na Educação; fazer um levantamento de publicações que relacionam música e interdisciplinaridade; apresentar propostas práticas que envolvam o ensino de música em uma perspectiva interdisciplinar.

A abordagem das ações contidas neste trabalho baseia-se nos quatro pilares da educação estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser. Assim, as práticas de caráter interdisciplinar apresentadas ao fim deste trabalho estão em congruência com os pilares supracitados, compreendendo o educando de forma holística, dentro de um processo educativo que é um exercício para a cidadania.

2 MÚSICA, MUSICALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

Muitos estudos e pesquisas já foram feitos abordando o surgimento da música na humanidade. “[...] É uma forma de discurso tão antiga quanto a raça humana, um meio no qual as ideias acerca de nós e dos outros são articuladas de forma sonora” (SWANWICK, 2003, p. 18). É considerada um fenômeno universal, já que se faz presente em todas as sociedades e em todas as épocas, cumprindo diferentes funções e ocupando diferentes espaços. “A música faz parte da vida social e individual, principalmente, associada às festividades, ao lazer, ao trabalho, à sexualidade, à religião e à cura” (BRÉSCIA, 2003, p.29). Para. Frenda (2013, p. 40), “além da hipótese da presença em rituais desde a Pré-história, vários pesquisadores acreditam que a música tem surgido da necessidade do ser humano se comunicar”. É consenso entre diversos estudiosos que a música é uma forma de linguagem presente em todas as sociedades, desde os primórdios da humanidade:

(...) uma forma de arte – cuja especificidade é ter o som como material básico –, caracteriza-se como um meio de expressão e comunicação. Meio de expressão, por objetivar e dar forma a uma vivência humana, e de comunicação por revelar essa experiência pessoal de modo que possa alcançar o outro e ser compartilhada (VASQUEZ, 1978, apud PENNA, 2012, p.30).

Penna (2012, p. 22) explica que o homem faz música de diferentes formas, pois a mesma distingue-se de acordo com o momento histórico e o espaço social. O fazer musical faz parte da construção da História da humanidade, implicando em diferentes significações de mundo, valores e crenças. É uma ação que envolve distintas realidades, sendo de grande importância para uma compreensão mais global da diversidade e complexidade humana.

A arte de modo geral - e a música aí compreendida - é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações em relação ao mundo. O fazer arte é uma atividade intencional, uma atividade criativa, uma construção de formas significativas. (PENNA, 2012, P20)

Praticada de forma coletiva e/ou individual, a música carrega a História da sociedade em que é concebida, além dos diferentes valores culturais, sentidos e identidades. Assim, por fazer parte da construção da história da humanidade, ela se torna objeto de estudo, formando uma área específica de conhecimento, mas que pode ser

analisada por diferentes perspectivas. Frenda (2013, p. 58) nos afirma que “a arte pode ser estudada do ponto de vista de várias áreas do conhecimento: da filosofia, da história, da sociologia, antropologia etc. Nenhuma delas consegue analisar a arte de forma independente”.

Toda essa amplitude compreende por sua vez, grande diversidade de valores, de modo que diferentes comunidades fazem música de acordo com os paradigmas da sociedade a qual estão inseridos. Swanwick (2003, p. 36) nos afirma que “O que diferencia a música, a literatura e as demais artes das ciências é à força da conexão com a história cultural e pessoal”. Sua construção varia de uma cultura para a outra até mesmo dentro de um mesmo país, como é o caso do Brasil, que possui uma vasta diversidade cultural:

Assim, a arte é um fenômeno universal, como linguagem é culturalmente construída, diferenciando-se de cultura para cultura. Inclusive dentro de uma mesma sociedade-como a nossa, a brasileira-, de grupo para grupo, pois em nosso país convivem práticas musicais distintas, e nas diversas formas de arte e cultura populares, com sua imensa variedade (PENNA, 2012, p. 23).

A música é uma linguagem artística, culturalmente construída que tem como material básico o som (PENNA, 2012). Tão presente em nosso cotidiano por meio de diversos contextos desde a nossa infância, música é, afinal, parte de qualquer cultura e reflete valores e costumes de uma sociedade.

Podemos também pensar a música como a arte de produzir efeitos estéticos através de fenômenos acústicos. É uma forma de expressão que utiliza os sons como matéria prima, assim como a linguagem convencional utiliza palavras. Música é uma linguagem, e pode ser utilizada como um instrumento de diálogo e aprendizado, ou seja, através dela podemos aprender sobre nós mesmos e sobre o mundo. Conhecer e fazer música ajuda a compreender o mundo de forma mais sensível.

A partir desses princípios, precisamos compreender o papel da Educação Musical na formação e desenvolvimento musical dos indivíduos dentro de uma sociedade. Faz-se necessário compreender e estabelecer objetivos; possibilidades e limites do trabalho de musicalização, levando em conta que a aprendizagem musical não está restrita às escolas e demais instituições de ensino. Neste sentido, a *musicalização*⁵ acontece tanto

⁵ Para Penna (2012, p. 33), o principal papel do trabalho de musicalização é “desenvolver os instrumentos de percepção necessário para que o indivíduo possa ser sensível a música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo”.

através da educação formal, como também através dos diversos processos informais aos quais estamos submetidos no dia a dia⁶. Para Penna (2012, p.30), “se os esquemas de percepção das linguagens artísticas são desenvolvidos pelas experiências acumuladas de vida de cada um, torna-se claro que não é apenas a escola que musicaliza”.

No caso do Brasil, são muitas as manifestações culturais populares que se configuram em espaços de aprendizagem informal, com diferentes características de acordo com a região e com os grupos sociais. A depender do grupo social no qual o indivíduo convive, suas experiências e conhecimentos serão distintos e precisam ser considerados nas instituições formais de ensino. Ao legitimar e validar os saberes obtidos nestes processos informais, a educação formal pode tornar-se mais significativa:

Crianças e jovens “aprendem” música, hoje, mais em seus ambientes extra-escolares do que na escola propriamente dita, pois não há dúvidas de que é possível aprender e ensinar música sem os procedimentos tradicionais a que todos nós provavelmente fomos submetidos (SOUZA, 2001b apud WILLE, 2005, p.40).

Assim como a cultura é dinâmica e acompanha as transformações da sociedade, a música possui o mesmo caráter: é viva, está em constante movimento, se transforma se adequando aos paradigmas de vida existentes em uma sociedade. Da mesma forma, as ações em educação musical precisam ser dinâmicas, acompanhando essas transformações. Nesse sentido, o reconhecimento e diálogo entre diferentes formas de fazer musical presente nas diversas culturas e a legitimação das novas maneiras de fazer música a partir das tecnologias contemporâneas torna-se necessário, assim como compreender os significados intrínsecos nessas diferentes formas de fazer e se relacionar com a música. Desenvolver capacidades⁷ para a assimilação e conscientização de todos

⁶ Segundo Wille (2005, p. 41) podemos classificar educação formal, não formal e informal, por meio do conceito de Libano em duas modalidades: a educação não intencional, chamada de informal ou paralela, e a educação intencional, que abrange a educação formal e não-formal. O termo “educação informal” pode indicar uma modalidade de educação que resulta do ambiente onde os indivíduos vivem, tudo o que está imbuído na vida grupal e individual, independente da consciência de suas finalidades, sem metas ou objetivos preestabelecidos conscientemente.

⁷ Coll (2004, p. 13) nos reposta afirmando que: as instituições desempenham muitas funções, transmitindo Culturas, construção de identidade nacional, reprodução de ordem social, formação de mão-de-obra para atender o mercado de trabalho, etc. Sendo que sua legitimidade de forma plena acontece mediante sua contribuição no desenvolvendo das competências do alunado os incorporando como membro da sociedade a qual pertencem. Haja vista que os currículos educacionais caracterizam as intenções educativas mediando as capacidades.

esses aspectos envolvidos no fazer musical torna-se imprescindível para uma educação musical significativa.

(...) musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (PENNA, 2012, p. 33).

Com o processo de globalização, a difusão das diferentes culturas musicais tornou-se mais viável, intensa e rápida, porém, apesar de existir todo um universo musical de diversas épocas, formas e estilos à disposição das pessoas, isso não garante o acesso por parte delas. Isso porque a disponibilidade e receptividade para usufruto não são desenvolvidas do ponto de vista educacional. O desenvolvimento e aprimoramento destes aspectos fazem parte dos objetivos do trabalho de musicalização. (PENNA, 2012, p.36):

Como decorrência de todas as avaliações empreendidas, concebemos a musicalização como um processo educacional orientado que se destina a todos que, na situação escolar, necessitam desenvolver ou aprimorar seus esquemas de apreensão da linguagem musical-mesmo que seja adolescente ou adulto. Necessitam, porque foram privados socialmente das condições para desenvolver tais esquemas em sua vivência cotidiana prévia à escola, cabendo, portanto, aproxima-los da música, em suas diversas manifestações - inclusive eruditas. (PENNA, 2012, p 44).

Sendo assim, as práticas pedagógicas em música necessitam agir com vistas a desenvolver e ampliar o envolvimento com a música de forma sensível e significativa, buscando favorecer uma relação com a música de forma consciente e crítica. Este aspecto precisa estar presente em todos os níveis da Educação Básica, de forma progressiva e sistemática, cumprindo seus objetivos específicos. Faz-se imprescindível que a mesma seja democrática, levando a participação de todos envolvidos.

Em congruência com Penna (2012, p.49), entendemos a musicalização como um processo educacional que, partindo da vivência do discente, promova a aprendizagem da linguagem musical visando desenvolver um pensamento crítico e participante, onde a

música é material para a promoção do processo educativo em uma formação mais ampla, contribuindo para o pleno desenvolvimento dos discentes em uma formação global.

Com relação às diferenças entre musicalização e educação musical, Penna (2012, p.48) explica que “embora a musicalização seja uma forma de educação musical, entendemos que esta última é mais ampla, podendo atingir etapas de desenvolvimentos que ultrapassam a musicalização”. A Educação Musical está relacionada à prática educativa que oportuniza aos discentes o acesso à música enquanto arte, linguagem e conhecimento, campo amplo que envolve diferentes áreas do conhecimento. Penna (2012, p. 27) nos afirma que não existe caminho único muito menos receita para uma Educação Musical democratizante. O que é necessário é a atitude para construção de trabalhos coerentes com o contexto e significativos para a comunidade escolar.

- 1) Em lugar da acomodação, que leva a repetir sem críticas ou questionamentos os modelos tradicionais de ensino de música, faz-se necessário a disposição de buscar e experimentar alternativas, de modo consciente,
- 2) Em lugar de se prender a um determinado “padrão” musical, faz-se necessário encarar a música em sua diversidade e dinamismo, pois sendo uma linguagem cultural e historicamente construída, a música é viva e está em constante movimento. (PENNA, 2012, p. 27)

Uma Educação Musical que não envolve reflexão e não desenvolve o pensamento crítico que possibilite a capacidade de questionar modelos tradicionais de ensino, torna-se vazia e suas ações acomodadas. Neto (2015, p. 5) assim nos ressalta:

É necessário que tenhamos vozes e ouvidos para a música na escola. Um dos principais desafios educacionais nesse momento é o de reparar os modelos de educação vigentes, de modo a preparar não só os estudantes, mas toda a população brasileira para um novo panorama que se apresenta hoje muito distinto daquele que tínhamos a vinte anos atrás.

O ensino de música remete a uma grande diversidade de possibilidades práticas, sendo assim, requer aulas dinâmicas, pois sabemos que o mundo está em movimento constante e a música obedece a esse padrão, fazendo parte da construção da história do ser humano e contemplando todas as mudanças do mundo ao que diz respeito a sua aprendizagem. Neste sentido, afirma-se que um dos objetivos do ensino de Música

na educação básica é ampliar o universo musical dos discentes conduzindo-os a uma aproximação de diversas manifestações musicais.

Mas, o que se questiona não é simplesmente a transmissão de culturas por meio da pedagogia musical, é preciso propiciar um envolvimento significativo, positivo e prazeroso com a música. Isso é, porque ela propicia o desenvolvimento de várias capacidades que são necessárias à formação dos discentes, se fazendo significativa por meio de seus conteúdos, assim bem como de outras áreas de conhecimento.

Alternativas que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e efetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo. Cantar e tocar, ouvir e escutar, perceber e discernir, compreender e se emocionar, transcender tempo e espaço... há muito conteúdo e significado abaixo da superfície dessas expressões, que afloram todas às vezes em que experimentamos uma relação direta e por inteiro com a música (KATER, 2012, p. 42).

Kater (2012, p.43) nos afirma que a Educação Musical propicia o “cultivo da sensibilidade, criatividade, escuta, percepção, atenção, imaginativo, liberdade de experimentar, coragem do risco, respeito pelo novo e pelo diferente, pelo que é próprio a cada um e também ao “outro”, construção do conhecimento com autonomia, responsabilidade individual e integração no coletivo etc.” A responsabilidade de todos os docentes é entender que no processo educativo ele deve promover uma Educação Musical como nos apresenta Kater (2012, p. 43):

Uma educação musical, enfim, que estimule o prazer (vínculo), para instaurar a presença (inteiridade), possibilitar a participação efetiva (relação, implicação) e assim, então, estimular a produção de conhecimentos gratificantes em nível geral e, especialmente, pessoal (formação ampla do aluno e não simples transferência de informações por parte do professor).

As abordagens em ações a serem trabalhadas neste estudo, encontram-se firmadas nos quatro pilares da educação estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que é: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser. A interdisciplinaridade pode atuar nesse sentido, quando propicia compreensão de diferentes contextos de linguagens, estando implícito o exercício da fraternidade por meio do conviver, promovendo respeito,

quebrando preconceitos, promovendo experiências, podendo manifestá-la para ressignificar a vida por meio da educação.

Promover uma Educação Musical por meio de práticas interdisciplinares, implica em realizar projetos de desenvolvimento individuais e coletivos por meio de diálogo com outras linguagens. Como nos afirma Lima (2015, p. 8) “A interdisciplinaridade tem se consagrado na atualidade como uma das possibilidades de avanço cognitivo para todas as áreas de Educação e da Ciência. No ensino, ela transita nas zonas híbridas compondo novas estratégias metodológicas, dialogando e mesclando as diversas linguagens, inclusive as artes”. Como explica Fazenda (2003 apud LIMA, 2016, p.47) “na ação desse professor (professor interdisciplinar) que se encontra a possibilidade para redefinir de novos pressupostos teóricos em Educação”. Conceber um trabalho em educação musical no viés da interdisciplinaridade implica na formulação de metodologias flexíveis e criativas articulando diferentes áreas do conhecimento, que promovam situações pedagógicas significativas e democráticas.

2.1 Breve histórico da música na escola.

No início do século XX, as disciplinas que estruturavam o quadro de artes eram: Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico. Partindo da realidade de que o Parâmetro Curricular Nacional da Educação Básica, (PCNEB), contemplava em sua proposta de ensino aprendizagem arte, um modelo único que competia ao docente transmitir os conhecimentos ligados ao padrão estético de ordem imitativa que variava de linguagem (BRASIL, 1998, p.23).

Em uma conjuntura de ensino tradicionalista, o canto Orfeônico teve o seu apogeu na década de 1930. No governo de Getúlio Vargas em 1931, foi oficializado o decreto conhecido como reforma “Francisco Campos”, que determinava o retorno da Música às grades curriculares do ensino secundário, fazendo-se presente nos três primeiros anos do ensino fundamental, tendo como foco a modalidade de ensino mencionada, projeto desenvolvido por Heitor Villa-Lobos, que tinha como objetivo levar o ensino musical a todo o sistema educacional do Brasil, centrado na coletividade e no civismo:

Em Música, a tendência tradicionalista teve seu representante máximo no Canto Orfeônico, projeto preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, na década de 30. Esse projeto constitui referência importante por ter pretendido levar a linguagem musical de maneira consistente e

sistemática a todo o País. O Canto Orfeônico difundia ideias de coletividade e civismo, princípios condizentes com o momento político de então (BRASIL, 1997, p. 22).

O projeto veio a fraquejar devido várias dificuldades referentes a orientação dos docentes, vindo a se transformar em aulas de música teóricas baseadas em memorização. Partindo dessa realidade, os discentes passam a ser um armazém orfeônico, no processo de decorar peças de Canto Orfeônico. Vale ressaltar que a expansão do canto orfeônico para outras partes do país deu-se a partir do ano de 1942, quando foi criado o conservatório de Canto Orfeônico com o decreto Nº 4993, de 26 de novembro de 1942.

O tempo passa e depois de três décadas outra modificação acontece com a LDB Nº 4.024/1961, substituindo o Canto Orfeônico por Educação Musical definida como atividade complementar, a iniciação artística estabelecida como normas para a escola de educação básica, vigorando em meados de 1960. Essa LDB não fazia referência alguma à presença do Canto Orfeônico, momento em que a Educação Artística veio estabelecer-se como campo de formação, se referindo às diferentes linguagens de arte da escola com a LDB de Nº 5.692/71.

Devido ao pouco contingente de formados nas modalidades artísticas na década de 1960, docentes de outras disciplinas podiam lecionar e ministrar as aulas de Desenho, Desenho Geométrico, Artes Plásticas e Música destacando a polivalência (BRASIL, 1997, p.24). Vale ressaltar que de 1970 a 1980, o ensino de arte acontecia em uma perspectiva de formar docentes de mesmo caráter, os docentes lecionavam Artes Plásticas, Desenho, Música, Arte Industrial, Arte Cênicas. O ensino de arte definiu-se como componente curricular obrigatório com a LDB de Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

Ao analisarmos a cronologia do ensino de Artes mencionada acima em nossa educação básica, a mesma se faz referente ao século XIX, entrando no século XX, traz como objetivo apresentar a educação musical brasileira por meio das artes, dos processos pedagógico e de política educacional, caracteriza-se e delimita a sua participação na estrutura curricular. As disciplinas que faziam parte da grade curricular das escolas primárias e secundárias na primeira metade do século XX eram: Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico, por modelos das classes sociais.

O ensino de arte era voltado principalmente aos domínios técnicos centrados na figura do docente, que tinha a incumbência de transmitir aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos de ordem imitativa, que variavam de

linguagem para linguagem. Como já foi elencada a LDB N° 4.024/61 substituiu o Canto Orfeônico por Educação Musical definida como atividade complementar a iniciação artística. O ensino de Música passa a ser norteado por métodos que vinham sendo disseminados na Europa, em harmonia com as tendências pedagógicas brasileiras.

Esse novo modelo, era incoerente ao modelo adicionado pelo Canto Orfeônico sendo exigido um novo enfoque nos ensinamentos da Música, em uma pedagogia relevante a ser: sentida, dançada, tocada além de cantada. Esse novo paradigma⁸ educacional do ensino da Música, fez com que outros profissionais procurassem cursos de capacitação profissional e, até livros didáticos que tivesse essa nova concepção filosófica da educação em arte que norteava novos meios de orientações estimulando a percepção auditiva, expressão corporal e socialização de todos adicionados à proposta educacional pedagógica. Como está preconizada a baixo:

No caso da música, é bem significativa a mudança que ocorre com a introdução da Educação Musical: incorporaram-se nas escolas os novos métodos que estavam sendo disseminados na Europa⁷, como também as contribuições de pedagogos musicais brasileiros⁸. Contrapondo-se ao Canto Orfeônico, passa a existir outro enfoque no ensino de música: ela pode ser sentida, tocada, dançada, além de cantada. Embora essa pedagogia musical fosse aplicada apenas por alguns professores que tiveram oportunidade de estudá-la no Brasil e no exterior, outros, tal como hoje, também sentiram necessidade de procurar cursos de capacitação profissional e livros com novos métodos e concepções filosóficas de educação em arte. Por meio das novas orientações e utilizando jogos, instrumentos de percussão, rodas e brincadeiras, buscava-se um desenvolvimento da percepção auditiva, rítmica, a expressão corporal e a socialização das crianças e jovens, estimulados a experimentar, improvisar e criar (BRASIL, 1998, p, 25).

Um longo caminho foi percorrido até o ano de 2008, ano esse em que se deu a aprovação da Lei 11.769/08 que altera a LDB de N° 9.394/96, que determina o ensino da Música como um componente curricular obrigatório do ensino de arte em uma estrutura curricular formal. Apesar de muitas idas e vindas, no decorrer desse tempo, a música não desapareceu e continua presente no ensino formal até os dias de hoje:

⁸ Ferreira (2004, p.1488), paradigma é destacado como sinônimo de modelo sendo um padrão compartilhado, que de certa forma permite as explicações de aspectos da realidade. E sendo assim de certa forma podemos afirmar que paradigma é qualquer conjunto de regras ou regulamentos (rotina, normas, procedimentos) que balizam o pensar o agir das sociedades envolvida sobre ele. Nada mais é do que um modelo, ou seja, um padrão de comportamentos alicerçados em regras a ser seguido por uma comunidade, que em sua totalidade indica os limites e até mesmo a direção para que se obtenha sucesso nas resoluções das problemáticas.

Dessa maneira, é possível afirmar que no Brasil já temos uma trajetória histórica, educativa e cultural que nos permite uma reflexão crítica acerca de perspectivas e caminhos concretos que possam subsidiar a inserção da educação musical nas escolas. Mas, mesmo considerando a trajetória de mais de um século, é evidente que as questões relacionadas à presença da música na escola e o debate em torno da sua inserção real na estrutura curricular da educação básica ganharam maior visibilidade a partir da Lei 11.769 (QUEIROZ E MARINHO, 2009, P.62).

A lei acima mencionada estrutura-se no seguimento de aprendizagem “formal”⁹, qualificando à educação qualificando o campo da Música, destacando significados para uma aprendizagem significativa. Ainda que, a educação musical possa existir tanto nos espaços escolares e acadêmicos, inserida em um processo de ensino aprendizagem como, também, em espaços não idealizados para a prática musical. Esses espaços devem ter magnitude rica e ampla, visando à aprendizagem dos discentes, valorização ao fazer Arte/Música, centrado no pensamento da importância que a música se instaura no tempo e na história, permitindo que os discentes possam criar, elaborando ideias relacionadas à precisão, necessárias pertinentes a afinação, ritmo, percepção de elementos da linguagem, simultaneidades, etc. Mas, para o desenvolvimento positivo é preciso que todos possa usufruir ativamente:

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história (BRASIL, 1997, p.54).

Nesse sentido afirma-se que, a pedagogia musical tem um poder extraordinário na formação do ser humano enquanto cidadão¹⁰. Para que isso possa se dar de forma satisfatória, é necessário que as três esferas governamentais cumpram com a sua responsabilidade enquanto gestores, propiciando de forma descentralizada e democrática

⁹ As modalidades de educação intencional são definidas nos seguintes termos: educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática, sendo que a educação escolar convencional seria o exemplo típico (WILLE, 2005, P. 41). Ensino formal estruturado em uma grade curricular.

¹⁰ Música para todos os cidadãos e não apenas para os talentosos. Bréscia (2003, p.19) nos ressalta que: Música não é uma questão de talento para as pessoas em geral o ser humano ao se desenvolver torna-se um músico e, ser músico é esta sensível aos sons, e se sentir tocados pela música.

a oportunidade a todos que estudam na educação básica, de participarem como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores.

Os educandos, ao valorizar, criam uma interação direta dentro e fora das salas de aula, articulando associações com pessoas de fora, enriquecem o ensino de forma integrada diretamente com outros grupos musicais e artísticos, possibilitando aprendizagens globalizadas ofertando o que existem na sua localidade, enriquecendo muito mais a sua por meio do intercâmbio. Quando me refiro a essa prática, refiro-me às práticas sociais, culturais que certamente são mais amplas tanto quanto a escolarização. A partir do momento em que a interação direta com outros grupos musicais e artísticos, caracteriza-se a Inter-relação que propicia aprendizagens múltiplas. Nesse sentido, é chegado o momento de contextualizarmos sobre o verdadeiro conceito de Interdisciplinaridade para amplitude pedagógica desse trabalho.

3 CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Para conceituar “Interdisciplinaridade” nos respaldamos em: Ivani Fazenda com as obras “Práticas interdisciplinares na escola (1993); Didática e interdisciplinaridade (1998); O que é interdisciplinaridade (2008); Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa (2012)”. De acordo com a autora, a interdisciplinaridade faz referência à organização de saberes que vem das disciplinas¹¹:

O conceito de interdisciplinaridade, como ensaiamos em todos nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos, encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências conferidas. Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história (FAZENDA, 2008, p.21).

Em congruência com a autora sobre conceitos disciplinares, para que a interpenetração ocorra sem a destruição básica das ciências conferidas, é preciso que em nossas propostas de atividades, estejam inseridas uma conjuntura que caracterizam ações interdisciplinares. A interdisciplinaridade ocorre por meios de interação, diálogo e troca recíproca. “Interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão do mundo que, no caso, é holística” (FAZENDA, 1993, p. 22). Procurando entender o fenômeno em sua totalidade e globalidade por mecanismos de ação.

O contexto pedagógico interdisciplinar necessita de planejamento que se vincula à questão da busca pelo saber a serviço do fazer. “O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa: é a transformação da insegurança no exercício do pensar, num construir” (FAZENDA, 1993, p. 18). Na elaboração dessas ações, se faz necessário o diálogo entre diferentes disciplinas, entendendo que diferentes perspectivas sobre um objeto ou situação, promovem melhor a compreensão e apreensão dos conteúdos.

¹¹ Definimos **disciplina** como “conjunto de conhecimentos em cada cadeira de um estabelecimento de ensino; matéria de ensino, que na realidade no sentido semântico a mesmo tem origem em várias famílias” (ALMEIDA, 2005, p. 33). De forma semântica, *disciplina* tem como significado ação de aprender, de instruir-se; em seguida, a palavra foi empregada como uma doutrina, a um método de ensino. Posteriormente, veio a conotar o ensino-aprendizado em geral, incluindo todas as formas de educação e formação. Já o termo **disciplinaridade** ao retirar o sufixo-dade a palavra perde a sua morfologia se desclassificando, transformando-se no verbo disciplinar. Sendo que a mesmo tem como incumbência de ação, organização, seleção de saberes transmitido por intermédio da escola, a ser submetidos aos alunos.

Para articular ações disciplinares orientadas por um senso comum é preciso atitudes que podem ser representadas por verbos como: dialogar; trocar; desvendar; redimensionar; envolver; comprometer (de comprometimento); construir; entre outros:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida (FAZENDA, 2012, p. 82).

Ao levar em conta tais atitudes defendidas pela autora, o ambiente da sala de aula irá promover uma formação humanizadora, desenvolvendo questões de caráter, respeito, quebra de preconceitos e espírito democrático. Diferentes papéis são exercitados em uma sala de aula interdisciplinar, incluindo a autoridade do docente, que será conquistada de forma natural.

A sala de aula é um lugar onde a interdisciplinaridade habita. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Outra característica observada é que o projeto interdisciplinar surge às vezes de um que já possui desenvolvida atitude interdisciplinar e se contamina para os outros e para o grupo. [...] Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele (FAZENDA, 2012, p. 85).

Fazenda (2012, p. 87) nos ressalta que precisamos é de projetos interdisciplinares não só de nome, mas, de intenção enraizada na questão epistemológica e metodológica. É por meio da pesquisa desse projeto que o docente/pesquisador revela suas amplitudes, desenvolvendo suas potencialidades e competências. Vale ressaltar que

desenvolver projetos interdisciplinares não é somente de competência e privilégios de doutores ou de livres-docentes:

Fazer pesquisa numa perspectiva interdisciplinar é a possibilidade de buscar a construção coletiva de um novo conhecimento, prático ou teórico, para os problemas da educação. Não é, em nenhuma hipótese privilegio apenas dos doutores ou livres-docentes das universidades (FAZENDA, 2012, p. 88).

Para justificar a implantação de projetos afirma-se que o trabalho interdisciplinar precisa “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, p. 88). Como já supracitado, a intenção epistemológica e metodológica deve estar à frente, se não acontece isso o caráter interdisciplinar não existe. Essa observação propicia fazer a seguinte analogia: em uma instituição educacional os docentes trabalham com um seguinte objetivo, os técnico-administrativos defendem os seus e os gestores educacionais agem sobre outras objetivações, isso sem dúvida é o trabalho descontextualizado:

As ações docentes, as atividades técnicas e as intervenções administrativas, desenvolvidas no interior da escola pelos diversos profissionais da área, não conseguem convergir e se articular em razão da unicidade do fim. A impressão que se tem é que cada uma delas adquire um certo grau de autonomia, cada uma trilha seu próprio caminho, como se cada uma tivesse seu próprio fim (SEVERINO, 2007, p.38).

Para propiciar propostas de atividades de caráter interdisciplinar no projeto pedagógico, a coletividade deve permanecer à frente, centrada no diálogo, visando à intencionalidade. Neste sentido, Fazenda (2012, p. 88) nos afirma que a pesquisa “Inter” nos imputa a fazer pesquisas particulares (de cada educador) promovendo um diálogo coletivo, pois é imprescindível que aconteçam manifestações individuais.

3.1 Breve histórico da interdisciplinaridade

Para fins didáticos, podemos organizar a história da estruturação deste campo de estudos em três décadas: 1970, 1980, 1990 (FAZENDA, 2012, p. 17). A primeira década foi em prol da estruturação epistemológica do campo: a busca de uma argumentação filosófica para definição da interdisciplinaridade. A segunda década estava

a serviço da instauração de diretrizes sociológicas, a estruturação de um modelo daquilo que vinha a ser interdisciplinaridade, apontando o sentido epistemológico, teórico e abstrato da praticidade advinda do cotidiano real. “O movimento da história da ciência na década de 1980 foi um movimento que caminhou na busca de epistemologias que explicitassem o teórico, o abstrato, a partir do prático, do real” (FAZENDA, 2012, p. 27). E por fim, na década de 1990, pesquisadores da área buscaram caracterizar uma nova epistemologia da interdisciplinaridade a partir de um olhar antropológico.

Seu surgimento se deu na Europa, especialmente na França e Itália, em meados da década de 1960 (FAZENDA, 2012, P.18). Esse movimento veio para quebrar tudo aquilo que privilegia a hierarquização disciplinar, que promova o capitalismo de certas ciências, com um olhar unilateral, resultando numa formação redundante. O mundo não se explica em uma única frase, muito menos o homem não se faz com uma única forma de pensar. Afastar-se do conhecimento em sua totalidade, é decretar óbito do conhecimento:

O destino da ciência multipartida seria a falência do conhecimento, pois na medida em que nos distanciamos de um conhecimento em totalidade, estaríamos decretando a falência do homem, a agonia da civilização (FAZENDA, 2012, p.19).

Quando menciona “conhecimento em sua totalidade”, a autora se refere à inter-relação que nada tem a ver com a unidisciplinaridade. O pensamento unilateral não promove reflexões que possam resultar em novas metodologias de aprendizagem, o mesmo apresenta-se de forma destilatória.

No ano de 1961, foi apresentado um projeto de pesquisa de caráter interdisciplinar para as ciências humanas por Gusdorf a (UNESCO) cujo objetivo central fora a união de professores e pesquisadores que realizaram trabalhos cuja importância era reconhecida. Esse projeto desenvolveu-se nas ciências humanas, em Louvain em 1967 (FAZENDA, 2012, p.19). Questionava-se a epistemologia da teologia, nascendo da necessidade de estudos relacionados entre Igreja/mundo sugerindo à importância de dialogar, pois a dificuldade em poder falar e ser compreendido existia, assim, o entrelaçamento se deu em exercício de um diálogo ecumênico.

No ano de 1977, levantam-se várias questões referente a teorização da interdisciplinaridade. Pesquisadores da época, como por exemplo, Guy Palmade, argumentavam sobre o perigo da interdisciplinaridade converter-se em ciência aplicada,

isso é, tentarmos restringir as ações interdisciplinar, apenas a questões educacionais, o que comprometeria a inter-relação, transformando em ciência aplicada ou em ciências das ciências (FAZENDA, 2012, p.21).

No Brasil, Hilton Japiassú foi o primeiro pesquisador brasileiro a publicar obras literárias nesse seguimento, lançando, em 1976, uma obra intitulada “*Interdisciplinaridade e a patologia do saber*”:

Em 1976, Hilton Japiassú, o primeiro pesquisador brasileiro a escrever sobre o assunto, publicou o livro *Interdisciplinaridade e a patologia do saber*, no qual apresenta os principais problemas que envolve a interdisciplinaridade, as conceituações até então existentes e faz uma reflexão sobre a metodologia interdisciplinar, baseadas nas exigências realizadas até então (FAZENDA, 2008, p.78).

Trabalho de grande significado, composto por duas partes, a primeira aborda as principais questões que envolvem interdisciplinaridade, a segunda traz a fundamentação metodológica para interdisciplinaridade, evidenciando questões conceituais e fundamentais nos projetos. A preocupação era voltada para as ciências humanas mantendo a inter-relação disciplinar, delimitando questões a serem resolvidas, divisões de tarefas, aspectos de grande importância para as atividades interdisciplinar.

Ivani Fazenda em 1979 publica outra grande obra, que buscava solidificar a edificação de um conceito e estabelecer um novo olhar que propiciasse transformação do modelo existente (FAZENDA, 2008, P.21). Nos anos 80, a movimentação foi em busca da questão epistemológica que mostrasse a teorização e o abstrato por meio do prático e real. O documento mais importante que surgiu nessa década, abordando tudo o que acima foi contextualizado foi elaborado por Gusdorf; Apostel; Bottomore; Mommsen; Morin; Palmarini; Smirnov e Ui, intitulado “*Interdisciplinaridade e ciências humanas*” (FAZENDA, 2012, p.27).

O documento citado, tratava das influências que as disciplinas tinham sobre outras do ponto de vista filosófico e histórico, enfatizando os problemas e os campos mais significativos para a produção de conhecimento, em um momento em que era necessário ampliar os processos metodológicos para a sua melhoria.

O período histórico nas décadas de 1960 e 1970 foi de perdas para os Ideais educacionais. Prevalendo a opressão sobre as pesquisas em universidades, um vazio na educação superior fragilizou bibliotecas e os frutos de muitos pesquisadores:

Todo o projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação aos ideais educacionais mais nobremente constituídos. Em nome de uma interação, esvaziaram-se os cérebros das universidades, as bibliotecas, as pesquisas, em fim toda a educação (FAZENDA, 2012, p.30).

A voz dos educadores volta a ecoar o seu grito interdisciplinar nos anos 1980, em busca de seu passado, para reestabelecer seu passado perdido em prol do benefício profissional:

Essa perda gradativa de identidade registada nas décadas de 1960 e 1970 causou danos irreversíveis em curto prazo. Entretanto, tal como uma fênix, o educador dos anos 80 renasce das cinzas, em busca de passado de glórias e de sua afirmação como profissional.

Foi uma história de muita luta, de muita guerra, a história de alguns professores portadores de uma atitude diferenciada – a interdisciplinaridade, em busca de uma identidade perdida (FAZENDA, 2012, p.30).

Nos anos de 1990, a autora desenvolve pesquisas escrevendo a história da interdisciplinaridade, usando como público alvos os docentes e discentes que ecoaram o grito interdisciplinar nos anos 80. Pesquisava-se o gosto especial em conhecer e pesquisar metodologias de ensino, analisava-se a dosagem conveniente à dicotomia encontrada pelo mecanismo de pesquisa que marcou a história vivenciada por esses profissionais da educação, que se dava em: luta/resistência e solidão/desejo de encontrar (FAZENDA, 2012, p.31).

Para que os docentes fizessem um trabalho de sustentabilidade interdisciplinar, era necessário um olhar tridimensional (passado, presente, futuro). O presente refere-se à ação alicerçada em duas metáforas que a interdisciplinaridade exige: um olhar e uma escuta vigiada. A primeira estabelece o princípio da comunicação, a segunda promove caminhos para o futuro, sem isso é impossível criar teias para que a inter-relação venha fazer seu papel significativo no panorama educacional. Nesse pensamento o que está em primeiro lugar é a criação de novas metodologias para a formação dos discentes.

A integração disciplinar acontece por meio do cotidiano, visando a construção do conhecimento de forma significativa. Para isso, é necessário refletir sobre a definição e o papel da Didática¹², visando desenvolver metodologias em ações educacionais em

¹² Libâneo (2002 apud LIMA, 2016, P. 106), define a palavra como disciplina que estuda os procedimentos de ensino; os objetivos educativos e os objetivos de ensino; os conteúdos científicos; os métodos e formas de organização de ensino; as condições e meios que mobilizam o aluno para o estudo ativo e seu

uma perspectiva inter-relacionada¹³. Assim, as características e vantagens de se trabalhar interdisciplinarmente farão o diferencial com o mínimo de esforços e maior rendimento para a produção de conhecimento significativo.

3.2 Formações docentes em uma perspectiva interdisciplinar

A interdisciplinaridade deve ser compreendida como formulação de ações, como já foi sinalizado, tendo intrinsicamente aspectos como: *atitude, modo de pensar, organização de ideias*. São aspectos e elementos fundamentais do trabalho pedagógico que auxiliam na formação docente, visando esses processos metodológicos. Essa formação desenvolve-se nas bases específicas de atuação das áreas profissionais:

A formação na educação à, pela e para a interdisciplinaridade se impõe e precisa ser concebida sob bases específicas, apoiadas por trabalhos desenvolvidos em diferentes ciências que pretende contribuir desde as finalidades particulares da formação até a atuação do professor.

Muito mais que acreditar que a interdisciplinaridade se aprende praticando ou vivendo, os estudos mostram que uma sólida formação à interdisciplinaridade encontra-se extremamente acoplada às dimensões advindas na sua prática em situações reais e contextualizadas (FAZENDA 2011a, p. 13 apud LIMA, 2016, p. 125).

Essa formação por meio da prática advinda da realidade, visa a melhoria da educação contribuindo com novas finalidades para a docência, remodelando os currículos educacionais do nosso país, pois isso propicia uma interação das instituições educacionais com a comunidade adjacente (LIMA, 2016, p. 129).

Acreditamos no poder dinâmico que a interdisciplinaridade tem para agregar em si disciplinas. Esse padrão exige cada vez mais qualificação profissional visando o desenvolvimento pleno do educando, para o exercício da cidadania e a qualificação para o mundo do trabalho. Conscientemente, faz-se necessário ampliar o número de docentes que saibam agir interdisciplinarmente em todos os segmentos de ensino aprendizagem, responsabilidade essa atribuída às instituições de Educação Superior (LIMA, 2016, p.36).

Para a elaboração de projetos pedagógicos na educação básica em uma perspectiva interdisciplinar, é necessária uma observação atenta sobre os conteúdos das

desenvolvimento intelectual, propiciando uma orientação mais segura para o trabalho profissional do professor.

¹³ Zabala (2002, p. 25) nos ressalta que: na contemporaneidade a reivindicação interdisciplinar não é mais a da integridade perdida, sendo que desde antes existia uma ambição de se estabelecer uma “carta minuciosa do saber” determinando um lugar específico para cada disciplina, estabelecendo as relações entre as áreas de conhecimento.

disciplinas que ocuparão lugar no currículo, devendo ser organizadas de forma dinâmica e integrada.

A organização de tais saberes teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formarem professores, tais que a estruturação hierárquica das disciplinas sua organização e dinâmica, a interação dos artefatos, que as compõem, sua modalidade conceitual, a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizados (FAZENDA, 2008, p.18).

Nesse sentido, uma formação em caráter interdisciplinar deve levar em conta duas vertentes, que são interdisciplinaridade escolar e a científica. A perspectiva da primeira é educativa, produtiva, estruturando saberes escolares, que difere de forma constitutiva dos científicos, que se procede como base na composição da pedagogia interdisciplinar, ela visa à aprendizagem do discente respeitando tudo que o discente conhece (FAZENDA, 2008, p.21). Partindo dessa realidade, adentramos nas condições humanas diferenciadas (Heterogeneidade), momento em que realmente nasce a necessidade de um profissional interdisciplinar:

Com isso retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que faça com que saberes de professores numa harmonia desejada integrem-se aos saberes dos alunos (FAZENDA, 2008, p.22).

Ciente da heterogeneidade existente nas instituições, as propostas interdisciplinares devem contemplar essa diversidade, abrindo espaços para trabalhos mais amplos, conduzindo os fazeres pedagógicos em uma interação entre as partes envolvidas.

A formação profissional nessa perspectiva tem a incumbência de apresentar conjugação de diferentes saberes disciplinares, para que as atividades profissionais não sejam reduzidas e nem hierarquizadas, pois o alvo é o processo metodológico. Nesse sentido, reafirmamos que interdisciplinaridade é uma categoria de ação por meio de verbos de mesma perspectiva não para o produto e sim para o processo:

Tratamos, nesse caso, do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, onde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduzem apenas a saberes disciplinar. Começamos aqui a tratar de um assunto novo, recentemente pesquisado, denominado intervenção educativa, em que mais importante que o produto é o processo (FAZENDA, 2008, p.23).

Lima (2016, p. 213), nos afirma que, ao analisar trabalhos realizados de natureza interdisciplinar, no Sudeste, é constatado uma interação e integração de áreas de conhecimentos desenvolvendo inúmeras parcerias entre instituições, docentes, discentes e órgãos de fomento, promovendo uma ação política e pedagógica e beneficiando o sistema educacional. Esses projetos valorizam a formação tanto na educação superior quanto na educação básica, pois a implantação de práticas inovadoras torna mais significativa o ensino aprendizagem.

Essa formação aqui defendida, é possível por meio de currículo inter-relacionado, que irá formar educadores musicais de mesmo caráter. Esses profissionais ampliaram os espaços referentes ao ensino aprendizagem, e também de campo de vários saberes extramusicais analisados por uma ótica musical, perpetrando na renovação dos conhecimentos, conduzindo novas práticas para o benefício da aprendizagem significativa:

A partir de vários saberes e fazeres extramusicais quando vistos sobre uma ótica musical – ou vice-versa-, é possível a construção e a renovação dos conhecimentos e das práticas musicais. Por meio da interdisciplinaridade, a prática, o ensino e a pesquisa em música em educação musical vão se alargar as suas paletas cromáticas com novos pigmentos, ampliando seu colorido com as várias vozes dos diversos espaços de conhecimento (AMANTO, 2010, p. 44 apud LIMA, 2016, p. 216).

Para termos um delineamento que venha ampliar os espaços e caminhos inovando as práticas e propiciando novos conhecimentos integralizados, é preciso que a teoria esteja em harmonia com a prática integrando os saberes e fazeres extramusicais vistos, analisados sobre uma ótica musical, isso contempla o papel dos discentes com uma aprendizagem significativa. “A compreensão dos fenômenos observados demonstra que a teoria e a prática musical devem caminhar juntas assegurando uma aprendizagem mais significativa” (LIMA, 2016, p. 221).

Partindo dessa realidade, trabalhamos a junção da pedagogia musical por meio de uma perspectiva interdisciplinar, para qualificação da vida do ser humano, pois sabemos que a educação é o único caminho que emancipa as pessoas por meio do ensino aprendizagem. Não tratamos aqui de uma teorização, reiteramos que a essa formação está em caráter de categoria de ação. A formação docente em estudo objetiva o desenvolvimento de várias potencialidades tornando o discente mais sensíveis, melhorando o desempenho de atividades com mais autenticidade, responsabilidade da

docência para com a sociedade. Essa junção possibilita o desenvolvimento das subáreas musicais, emergindo novas estratégias metodológicas, ampliando a atuação que ultrapassa paradigmas formativos do tecnicismo e do conhecimento fragmentado, advindos da educação tradicional sem flexão.

Nesse sentido, para elencar de forma qualitativa e abrangente, em cunho político-social a Educação Musical em uma perspectiva interdisciplinar a luz dos pensamentos de Paulo Freire Lima (2016, p. 230) assim nos reporta:

Na educação musical a interdisciplinaridade pode promover ações pedagógicas inclusivas, democratizantes e flexibilizada, o que redundará em uma ressignificação e reformulação dos currículos, métodos, conteúdos ou critérios de avaliação, e ainda a melhor organização dos ambientes e dos processos de aprendizagem. Só assim a educação musical passará a ter um cunho político-social mais abrangente.

Ressaltamos a importância de uma formação dessa natureza na educação superior, visando docentes qualificados de mesma perspectiva para atuar na educação básica. Para tanto, recorremos aos ensinamentos da autora abaixo citada, que assim nos preconiza:

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas as formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrem ao seu melhor exercício. Nesse caso o desenvolvimento das competências necessárias requer a conjugação de diferentes saberes disciplinares. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes de experiências, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente sem nenhuma linearidade ou hierarquização que subjugue os profissionais participantes (FAZENDA 2012 p. 38)

E partindo dessa realidade, as propostas educacionais que propiciam aprendizagem significativa, seja qual for a área de conhecimento, necessitam de uma estruturação de pensamentos que promova novas pesquisas, com novas ideias e novas metodologias:

Muito temos visto, encontrado escrito sobre interdisciplinaridade, porém, muito poucos têm ousado escrever sobre interdisciplinaridade na educação. Acreditamos que estudos dessa natureza possam gerar novos tipos de investigação e novas ideias; entretanto, estamos conscientes de que o avanço interdisciplinar depende do progresso das próprias disciplinas (FAZENDA, 2012, p. 89).

Um corpo docente que trabalha nessa perspectiva característica da interdisciplinaridade, precisa ter a consciência de que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas sim, criar possibilidades por meio de metodologias eficazes para produção de conhecimento. Ensinar é criar possibilidade para a formação dos discentes por meio da construção coletiva do conhecimento, em todos os níveis educacionais.

Em harmonia com esse pensamento, não podemos negar à inter-relação das áreas de conhecimentos para a condição satisfatória de uma pedagogia educacional mais elaborada, pois a todo tempo somos parceiros:

O que nosso trabalho tem nos revelado é que, quer queiramos ou não, nós educadores sempre somos parceiros; parceiros dos teóricos que lemos; parceiros de outros educadores que lutam por uma educação melhor, parceiros dos nossos alunos, na tentativa da construção de um conhecimento mais elaborado (FAZENDA, 2012, p.85).

Diante de tudo que foi contextualizado, torna-se necessário, apresentar algumas características do trabalho interdisciplinar na educação básica. Haja vista que, esse seguimento de aprendizagem é consagrado na atualidade como uma das possibilidades de avanços satisfatórios para as áreas de conhecimentos (LIMA, 2015).

3.3 Características do trabalho interdisciplinar no contexto da escola básica

Para elencar as características de ações interdisciplinares, podemos dizer que são múltiplas. Podemos citar atitudes como: conhecer melhor; humildade; reciprocidade; aceitar desafios; envolvimento e comprometimento; responsabilidade; entre outras. Isso deve acontecer entre o diálogo envolvendo educador e educando, consciente de que cada sociedade se encontra em um paradigma de vida, com suas particularidades, para trabalhar em meio a essa realidade requer espera e humildade.

Se estamos querendo viver hoje na educação um momento de alteridade (como construção/produção de conhecimento) é fundamental que o professor seja mestre, aquele que sabe aprender com os mais novos, porque mais criativos, mais inovadores, porém não com a sabedoria que os anos de vida vividos outorgam ao mestre. Conduzir sim, eis a tarefa do mestre. O professor precisa ser o condutor do processo, mas é preciso adquirir a sabedoria da espera, o saber ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno havia lido nele mesmo, ou em suas produções (FAZENDA, 2012, p.45).

Ações interdisciplinares podem ser caracterizadas por verbos como: analisar; pensar; comparar; aprender; promover; ensinar; pesquisar; etc. Em tese, para elaborarmos essas atividades, somos indagados desde o momento em que pesquisamos para construir uma didática clara, percebe-se o domínio nas atitudes acima elencadas, o modo de pensar para organizar as ideias junto ao conteúdo, aprimorando as metodologias e repensando as práticas na perspectiva de inovar. Isso significa propiciar situações de cuidados, com a construção do desenvolvimento educacional criando possibilidades de aprendizagem.

Ações interdisciplinares também devem instaurar quatro tipos de competências:

[...] a competência intuitiva, a intelectual, a prática e a emocional. A intuitiva é própria do sujeito que vê além do seu tempo e espaço. Ela contempla alternativas novas e diferenciadas no processo de análise. A competência intelectual imbuí a reflexões continuada do professor pesquisador nos processos de análise. Ela pressupõe um indivíduo que está sempre a organizar, classificar e definir as ações pesquisadas. A competência prática é aquela que se destina a organizar o espaço e o tempo destinado para a conclusão das tarefas. A emocional trabalha com o conhecimento a partir de um autoconhecimento, ela auxilia os indivíduos a organizarem suas emoções (FAZENDA, 2010, apud LIMA, 2016, P.143-144).

“É no repensar constante da prática, no diálogo entre os professores e com os teóricos, que as concepções vão se formando e, com elas, a própria formação dos alunos” (FAZENDA, 2008, p.89). Estruturar uma didática clara que conduz ao aprimoramento das metodologias evidencia o trabalho em harmonia com os conhecimentos, gosto e pensar dos discentes, construindo um campo comum referente às ações de trabalho, advindas do cotidiano real dos discentes os motivando para estudar e aprender. Essa realidade instaura o questionamento, motivando todos a interagir, fazendo com que eles se sintam autônomos, interessados, motivados, tornando-os agentes transformadores do processo educacional:

Se o aluno encontra espaço para questionamento, espaço onde apareça a sua voz, onde suas dúvidas sejam ouvidas e suas ideias reverberem no pensamento de seus pares, cada vez mais esse aluno irá apropriar-se do seu processo de aprendizagem (PONSO, 2014, p.14).

O espaço para questionar, estruturando o pensamento e fazendo com que os discentes participem do seu processo de aprendizagem favorecem a inclusão no sistema

educacional. Nesse sentido afirma-se que, é necessário que os professores estejam capacitados para receber os discentes com Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

A escola hoje está voltada à inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais e também, a programa de ensino que promova criatividade, dignidade e independência dessas crianças através da arte. Projetos que são bem discutidos e bem-vindos nas instituições e criam espaços para que todos participem de acordo com a suas possibilidades e interesses (PONSO, 2014, p.17).

O que precisamos é de novos caminhos significativos para construção de novos conhecimentos. Como vantagens é que os resultados de trabalhos coletivos são condicionados pela qualidade dos trabalhos individuais (LIMA, 2016, p.132). Nesse sentido, percebemos que o seguimento de aprendizagem em estudo não nega os conhecimentos específicos das disciplinas, pois precisa das disciplinas que tem seus conhecimentos específicos. Haja vista que, a Inter relação é feita com os conteúdos a fins.

A categoria de ação aqui em estudo, objetiva apresentar suas modalidades práticas no cotidiano dos discentes, características que contemplam de forma eficaz a interação disciplinar para o desenvolvimento da aprendizagem:

De modo geral observa-se que o aluno transfere para as diversas situações do cotidiano os objetos de estudo e que permite fazer relações quanto agente de seu próprio conhecimento, organizando os problemas da aprendizagem e estratégias utilizadas para resolvê-los. Para que isso ocorra, os professores devem acreditar nas possibilidades de os alunos construir sua própria verdade e valorizar suas manifestações e interesses. Cada dúvida, certeza, erro ou questionamento que ocorra no cotidiano do trabalho deve ser considerado pelos professores como impulsionado de novas questões (PONSO, 2014, p. 19).

Acreditando nas possibilidades de construção de conhecimento da realidade do educando para o desenvolvimento positivo educacional, cada questionamento deve ser considerado, pois essas manifestações surgem. Isso fará com o discente apareça como coadjuvante do processo de aprendizagem, as escolas poderão proporcionar uma formação integrada em conhecimentos, habilidades, valores, formas de pensar e atuar na sociedade. É nesse sentido que ressaltamos a importância de se trabalhar Música em uma perspectiva interdisciplinar.

4 MÚSICA, INTERDISCIPLINARIDADE E TEMAS TRANSVERSAIS

4.1 Música na interdisciplinaridade

“No campo da educação, a interdisciplinaridade não se assume como disciplina, ela se encontra na complexidade do próprio processo de ensinar e aprender” (LIMA, 2016, p. 135). Esse processo de ensinar e aprender propicia ao segmento educacional, no nosso caso, a música, um caminho que amplia positivamente as possibilidades de apreensão do conhecimento musical.

Sendo assim, é importante que se tenha bem definido o significado da palavra interdisciplinaridade, o seu sentido para a educação, e qual a sua abrangência para o ensino e pesquisa musical, afim de que se possa fazer uso correto desse manancial, que dia-a-dia se entrega a epistemologia contemporânea (LIMA, 2007 apud BREIER et al 2015, p. 3).

Trabalhar Música na perspectiva interdisciplinar requer uma constante postura de professor pesquisador para a elaboração das propostas. É importante tomar conhecimento sobre o contexto pedagógico dos conhecimentos especializados e afins ao campo da música, procurando maneiras de possibilitar a articulação entre eles de modo a propiciar diferentes tipos de aprendizagem, sempre partindo da necessidade dos discentes. “Conceber o ensino da música numa perspectiva interdisciplinar implica, no entanto, ir além do uso das ‘musiquinhas’ como material educativo” (LOUREIRO, 2010, p. 183). O pensamento da autora deve ser abraçando por todos os Educadores Musicais, valorizando muito mais nossa área de conhecimento.

A música, assim como todas as ciências, possui diversas possibilidades de relações entre si e entre outras áreas do conhecimento. O educador musical deve tomar consciência destas relações, procurando possibilidades de ações que articulem as características elencadas no capítulo anterior, para possibilitar uma formação integralizada, global, que proporcione autonomia e liberdade de pensamento reflexivo. Nesse sentido, afirma-se que a formação dos discentes acontecerá desenvolvendo uma consciência de que ele pode atuar na sociedade, de forma cooperativa, se expressando em

vários assuntos de diferentes áreas de conhecimento, com autonomia conquistada por meio da pedagogia da Música em uma perspectiva interdisciplinaridade¹⁴.

Do mesmo modo, a interação com os conhecimentos prévios dos discentes favorece o desenvolvimento de vários aspectos, como: antropológicos - ocasionando assim o destaque da música como meio constitutivo da realidade humana; pedagógico-culturais - destacando a presença da música em todas as culturas humanas; antológicos - trazendo assim uma evidenciação bem singular das atividades humanas (BASTIAN, 2012, p.7).

É neste sentido, que Penna (2006, p.41) nos afirma que a Educação Musical deve estar em diálogo com outras áreas do conhecimento. Essa inter-relação propiciará um fator importantíssimo, que é o poder de análise de seus conteúdos por vários pontos de vista, propiciando uma natureza de conhecimento integrada com outras ciências, o que favorece uma aprendizagem mais significativa. Essa perspectiva metodológica valoriza os conhecimentos específicos, abraça aqueles que estão em harmonia, já que a interdisciplinaridade é uma categoria de ação que agrega.

Amanto (2010, p. 40) ressalta que uma possibilidade para promover a interdisciplinaridade na Música pode ser por meio de um projeto que tenha um tema gerador de atividade. “A voz cantada”, por exemplo, pode ser um tema que promove a interação pessoal e interpessoal; a motivação dos cantores e discentes; o desenvolvimento de habilidades musicais diversas; a inclusão sociocultural; o conhecimento de estratégias para preservação da saúde da voz; entre outros. Essa possibilidade de trabalho pode ser desenvolvida em parceria com a Fonoaudiologia, por exemplo, propiciando o desenvolvimento da dicção.

O canto coral na escola pode permitir uma integração interdisciplinar, por exemplo, ao se explorar aspectos da fisiologia vocal e ao se desenvolver atividades voltadas à conscientização sobre saúde vocal em interface com as disciplinas de ciências e biologia (além da educação física). Como toda atividade musical, ainda, pode integrar-se à história

¹⁴ Silva Thiese (2008, p.545) afirma que. Interdisciplinaridade tem sido tratado, por dois grandes enfoques: o epistemológico e o pedagógico ambos abarcando conceitos diversos e muitas vezes complementares. No campo da Epistemologia, torna-se como categoria para seu estudo o conhecimento em seus aspectos de produção, reconstrução e socialização; a ciências e seus paradigmas; e o modelo como mediação entre o sujeito e a realidade. Pelo o enfoque pedagógico, discutem-se fundamentalmente questões de natureza curricular, de ensino e de aprendizagem escolar.

e à geografia (além dos estudos filosóficos e sociológicos, no ensino médio) a partir de um bem programado repertório, o qual ainda é capaz de aumentar o interesse pelo estudo da língua portuguesa. (AMANTO, 2010, P.40).

Podemos interdisciplinar à Música com História, Geografia, Antropologia, áreas de conhecimentos que tem relações disciplinares comuns, por exemplo: o Homem, funções musicais históricas, a questão geográfica preconizada na letra de uma música, promovendo o conhecimento sobre o estilo de música que predomina em uma região, propiciando a prática desse estilo, desenvolvendo a técnica musical, apreciação, desenvolvimento do pensamento crítico/flexível e compondo por meio da prática.

Na produção musical, ao lecionar para favorecer o desenvolvimento do trabalho e da aprendizagem significativa, utilizamos ferramentas pedagógicas que são produtos de pesquisas realizadas no campo das áreas tecnológicas. Elas favorecem o desenvolvimento da aula tornando satisfatória, por exemplo: Ciência da computação, Ciência de informática e musicologia, isso propicia benefício para a pedagogia musical em ações interdisciplinar.

Partindo dessas reflexões elencadas nesse capítulo, é imprescindível apresentarmos uma contextualização referente aos “Temas Transversais” para magnitude pedagógica que objetiva esse trabalho.

4.2 Temas Transversais, reflexões para amplitude das atividades

Os temas transversais, constituídos pelos RCNs (Referenciais Curriculares Nacionais) não são disciplinas isoladas, mas sim, temas que fazem parte da vida cotidiana da sociedade e que podem permear todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, ressaltamos que eles atuam como eixo unificador. (BRASIL, 1997, p. 10). Alguns princípios orientam essa formação, como: dignidade humana, igualdade, participação, corresponsabilidade pela vida social, que objetiva preparar o cidadão de forma conceitual, procedimental, atitudinal.

A transversalidade trabalha conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania, obedecendo a questões importantes e emergenciais para a sociedade contemporânea. Caracteriza-se por meio de um conjunto de temas de unificação, permeando por várias áreas de conhecimento, organizando, promovendo o desenvolvimento educacional mais significativo, favorecendo a compreensão do ensino/aprendizagem.

“A área de Arte, dada a própria natureza de seu objeto de conhecimento, apresenta-se como um campo privilegiado para o tratamento dos temas transversais propostos nestes Parâmetros Curriculares Nacionais” (BRASIL, 1997, p. 69). Trabalhar nessa perspectiva, as ações devem acontecer através de projetos, como modalidade de ações didáticas, já que “uma das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos” (BRASIL, 1997, p. 76). Nesse sentido, as atividades musicais para formação dos discentes não permite limitar-se somente aquilo que permeia as disciplinas tradicionais, visando isso, se faz necessário o estudo dos temas transversais.

Cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar, ou mesmo referentes a uma das linguagens artísticas (Artes Visuais; Dança; Música; Teatro). E se o projeto é de caráter interdisciplinar, Brasil (1997, p. 77) nos concretiza que “os conteúdos dos temas transversais também são favoráveis para o trabalho com projetos em Arte”.

Os PCN-EB (Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica) sugerem seis temas transversais a serem trabalhados nos primeiros anos do ensino fundamental que são: *ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural, Trabalho e consumo* o último sendo adicionado para se trabalhar com o ensino médio.

Ética: Significa viver bem em um padrão de conduta social, vida de qualidade, fazendo uma reflexão sobre a conduta humana que influência no agir em relação ao outro. A instituição educacional se perpetuar valores éticos, bem como sua grade curricular. O objetivo da ética é justamente o desenvolvimento da autonomia moral valorizando e empregando o diálogo estabelecendo conflitos e tomar decisões na coletividade. Essas decisões devem estar em congruências com os quatro eixos sendo eles: *justiça, respeito mútuo, diálogo e solidariedade*, todos em harmonia com os princípios da dignidade humana. Esses eixos devem ser trabalhados de formas *conceitual, procedimental e atitudinal*, a exemplo disso é ser justo e verdadeiro ao que se refere à formação docente. O pensamento não é que se faça justiça jurídica, mas que busque a justiça em atitudes.

Pluralidade cultural: Ocorre no sentimento, ciente de que o Brasil é um País plural composto de negros, brancos e índios; dando origem aos grupos sociais, (Pluralidade Cultural; Vida em diferentes segmentos sociais no Brasil; O Ser Humano como agente social e produtor da cultura; Pluralidade Cultural e Cidadania) promoção do fim do preconceito, na pluralidade o sentimento democrático se faz no respeito à minoria

“Com relação ao tema Pluralidade Cultural, por exemplo, o professor poderá investigar como integrá-lo na apreciação estética dos alunos, buscando maneiras de estudar as manifestações artísticas como exemplos de diversidade cultural” (BRASIL, 1997, p. 69).

Meio-ambiente: Trabalha os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental, o ser humano em meio a conscientização, relações culturais, dando sustentabilidade ao crescimento cultural, preservação, qualidade de vida e equilíbrio ambiental, autocuidado, reponsabilidade social.

Saúde: faz referência à realidade de vida do cotidiano de todo autocuidado em viver coletivamente, promovendo a conscientização de uma boa alimentação, modo higiênico, qualidade de vida.

Orientação sexual: Os conhecimentos a serem conquistado na formação discente são relacionados a uma intervenção pedagógica, problematizando questões relacionadas aos esclarecimentos com postura quebra tabus priorizando valores, isso de forma preventiva, coletiva, esclarecimentos a conscientização do Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente transmissíveis.

Trabalho e consumo: Trabalho, Meio Ambiente e Saúde; Consumo; Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania são trabalhados nesse tema. A vida humana estabelecesse questões fundamentais, por exemplo: problemas sociais e políticos, econômicos, de relações humanas, de sonhos e assim por diante. O tema objetiva trabalhar conscientizando os discentes qualificando-os, para o trabalho em uma ética para o consumo. A Música em ações interdisciplinares pode focalizar a indústria cultural, musical mercadológica, trabalhar as músicas que se destacavam no período industrial, relacionar às músicas do período industrial com as atuais, sua dimensão histórica, comparando modalidades de trabalho de uma determinada época com a contemporaneidade, a escravidão e as músicas afros, a exploração, o trabalho livre, o assalariado, dignidade humana por meio do trabalho. Poderemos também analisar a influência da publicidade na vida das pessoas por meio das músicas.

Nesse sentido, afirma-se que quando o docente vai trabalhar um tema na aula, por exemplo: higiene do corpo humano não pode ser abordada somente no tema transversal saúde. Ele pode ser trabalhado em um pensamento sociológico analisando a interação entre os indivíduos, como a música promove o processo de sociabilidade, quais os perfis musicais de uma região, entre outros aspectos, os conflitos e as formas de cooperação geradas através das relações sociais por meio das manifestações musicais regionais, e as possíveis influências externas.

A transversalidade aborda uma dimensão didática unindo teoria/prática, esse é um ponto em comum com a interdisciplinaridade, só que a ação interdisciplinar se dá em uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento e metodologias por meio das ações.

A transversalidade se articula com a interdisciplinaridade quando os temas são trabalhados de forma natural, no exercício de fazer pontes, integrando outras áreas de conhecimento. A partir das ideias discutidas, apresentaremos uma proposta de planejamento didático, que envolve um conjunto de atividades inter-relacionadas, articulando música com os Temas Transversais, principalmente o tema Pluralidade Cultural.

4.3 Proposta didática para aula de música: Bumba-Meu-Boi

4.3.1 APRESENTAÇÃO/ JUSTIFICATIVA

O Bumba-Meu-boi é uma manifestação cultural popular brasileira, bastante difundida por todo o país, tornando-se um dos símbolos representativos da nossa cultura. Legitimar e valorizar as diferentes culturas representativas de um povo é um tema defendido no Encontro Científico realizado pela a UNESCO em 2013, em Paris. “A valorização das diversas culturas no processo de ensino aprendizagem e a preservação dos bens culturais de cada país” (LIMA, p. 155).

Presente em várias regiões brasileiras, essa festividade está associada a diferentes momentos festivos populares - para abrilhantar o Natal, Carnaval, e as Festa Juninas; tendo diferentes nomes, nos diferentes Estados de nossa Federação, como ressalta Frenda et al (2013, p. 339).

Ao espalhar-se pelo país, o bumba-meu-boi adquire nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Dessa forma, enquanto no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi, no Pará e Amazonas é boi-bumbá ou pavulagem; em Pernambuco é boi-calemba ou Bumbá; no Ceará é boi-de-reis, boi-surubim e boi-zumbi; na Bahia é boi-janeiro, boi-estrela-do-mar, dromedário e mulinha-de-ouro; em Santa Catarina, é boi-de-mourão ou boi-de-mamão; em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Cabo Frio e Macaé (em Macaé há o famoso boi do Sadi) é bumba ou folguedo-do-boi; no Espírito Santo é boi-de-reis; no Rio Grande do Sul é bumba, boizinho, ou boi-mamão; em São Paulo é boi-de-jacá e dança-do-boi.

O propósito dessa atividade interdisciplinar, partindo do Tema Transversal “Pluralidade Cultural”, está a serviço da música folclórica, conteúdo que, tradicionalmente, é sem sombra de dúvida, uma das mais legítimas manifestações culturais no Estado do Maranhão, onde se realiza o ciclo de festas juninas dedicadas a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal; tempo esse que se dá justamente no verão, período da colheita, e vai ao encontro do calendário cristão, que determina em quais dias esses Santos são homenageados (REIS, 2008). O festejo é um resgate da história local, marcada pelas desigualdades sociais existentes no período colonial.

No Maranhão, existe vários grupos folclóricos se diferenciam por sotaques, como matraca, zabumba e orquestra, cada um com músicas, figurinos e coreografias peculiares. Apresentam diferentes características instrumentais, rítmicas e melódicas. O tema transversal “Pluralidade cultural” pode ser trabalhado do ponto de vista Musical; Histórico; Sociológico; Antropológico; Cultural Regional; tecnológico; Religioso; Educação Física e Geográfico ao qual se encontra a realidade brasileira, propiciando o viver interdisciplinar na educação musical. Seu contexto histórico é classificado como teatro folclórico popular, por envolver em seu cenário personagens humanas e animais, porém, o seu enredo traz em seu ponto alto, a dramatização fixada entre o homem e o animal.

Suas encenações acontecem em representação da vida, morte e ressurreição de um boi. Apresenta expressões musicais, teatrais e plásticas, assim como tecnológicas. As perspectivas das ações interdisciplinares a serem desenvolvidas por meio dessas propostas, são analisadas sob uma ótica musical folclórica, Histórica; Tecnológica; da Literatura; Antropologia; Geografia referente à cultura regional, onde são realizadas as manifestações em estudo.

As ações pertinentes ao Bumba-meu-boi trazem características das Ciências Humanas, podendo ser trabalhada por meio de outras disciplinas, caracterizando a Inter-relação dos conhecimentos. “Nessa festa, podem ser observadas todas as linguagens artísticas” (FREND, 2013, p. 339). São manifestações em que dança, música, elementos visuais, representações de lendas se misturam e se completam de forma integrada. Nesse sentido afirma-se que a interdisciplinaridade acontece naturalmente nessa manifestação popular.

4.3.2 OBJETIVO GERAL:

Introduzir os alunos em práticas musicais diversificadas, a partir de elementos característicos presentes na manifestação cultural do Bumba-Meu-Boi, atentando para sua inter-relação de áreas de conhecimentos como: Musical; Histórico; Sociológico; Antropológico; Cultural Regional; Tecnológico; Religioso; Geográfica; seus principais compositores e intérpretes; e desenvolvendo habilidades e fluência musical através de práticas musicais coletivas e individuais com instrumentos utilizados na manifestação em estudo.

4.3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer as principais frases rítmicas da música folclórica em estudo, compreendendo a relação da estrutura das principais frases existente na contemporaneidade com as primárias que se fazem histórica atualizando as transformações;
- Conhecer diferentes vertentes do Bumba meu boi que outras regiões desenvolvem de acordo com as suas realidades;
- Ampliar o conhecimento sobre os compositores e intérpretes de cada região;
- Compreender as especificidades que representam este gênero musical;
- Identificar os principais instrumentos musicais utilizados no Bumba-Meu-Boi, compreendendo sua função no conjunto;
- Desenvolver e ampliar a autonomia e a capacidade criativa em práticas de composição e arranjo musical do gênero em estudo;
- Exercitar a crítica musical na avaliação de seus trabalhos e de trabalhos dos colegas.
- Identificar possibilidades de uso das novas tecnologias na realização da manifestação popular, visando avanços tecnológicos para a preservação da memória histórica.

4.3.4. CONTEÚDOS:

- História do Bumba-Meu-Boi e de principais compositores.
- Principais vertentes da manifestação cultural: Bumba-meu-boi, Boi-bumbá ou pavulagem, Boi-calemba ou Bumbá; Boi-de-reis, boi-surubim e boi-zumbi; Boi-janeiro, Boi-estrela-do-mar, Dromedário e mulinha-de-ouro; Boi-de-mourão ou Boi-de-mamão; Boi do Sadi, Bumba ou folgado-do-boi; Boi-de-reis; Boizinho, ou boi-mamão; boi-de-jacá e dança-do-boi.
- Sotaques, como matracá, zabumba e orquestra.
- Batuque: técnica, função e frases rítmicas.

- Técnica e funções dos instrumentos: Tambor de fogo, Maracá Matraca, Pandeirão, Pandeiro, Tamborino entre outros.

4.3.5 METODOLOGIA

As propostas a seguir baseiam-se no modelo C(L)A(S)P de Swanwick (1988), que defende que a aprendizagem musical acontece principalmente através das modalidades de práticas musicais – composição, apreciação e performance, sendo que as práticas indiretas – técnica e literatura – devem estar articuladas às demais atividades de forma a contribuir com as práticas diretas.

4.3.5.1. Atividades

1ª aula

Parte expositiva, conversando e explicando o que é folclore, apresentando a lenda do Bumba-Meu-Boi, propiciando aos discentes o conhecimento das diferentes manifestações populares realizadas no país, e as datas de festejos, as músicas, assim como a tecnologia envolvida.

Faremos uma dinâmica com todos em roda, de pé. O professor/a toca um instrumento fazendo o ritmo do Bumba-Meu-Boi, a turma o professor/a pedira para a turma se dividir em grupos em seguida ensinará aos alunos a célula rítmica. E pedirá para eles subdividirem o ritmo. Depois, indicará um/a aluno/a para ir ao centro para improvisar. Aos poucos, incluiremos elementos como: passos para os lados e para frente como se fossem dançar. Essa dinâmica propiciará conhecimento sobre as principais frases rítmicas da música folclórica em estudo, compreendendo o fazer musical. Por fim, o professor/a irá iniciar uma música do gênero em estudo acompanhado por palmas, convidando todos a cantar. Observação: essa música é livre escolha do docente que irá lecionar.

2ª aula:

Iniciaremos uma conversa sobre o Bumba-Meu-Boi. Quem conhece algum grupo ou compositor? Quem poderia identificar diferentes “tipos” de grupos e músicas referentes à manifestação popular e até compositores e interpretes conhecidos? Conversaremos sobre a instrumentação musical e sobre sua relação com o gênero. Esse momento propiciará compreensão de sua função de forma coletiva e individual identificando elementos presentes no cotidiano, etc. Assistiremos um trecho de um vídeo mostrando alguns exemplos. Haja vista que o diálogo se faz característica da interdisciplinaridade, isso fará com que os discentes ampliem os conhecimentos sobre os compositores e interpretes local e de cada região.

Falar sobre as diferentes manifestações populares (Bumba-Meu-Boi), que são realizadas nos diferentes estados com diferentes nomes, como Bumba-meu-boi, Boi-Bumbá ou Pavulagem, Boi-Calemba ou Bumbá; Boi-de-reis, Boi-surubim e Boi-Zumbi; Boi-Janeiro, Boi-Estrela-do-Mar, Dromedário e Mulinha-de-Ouro; Boi-de-Mourão ou Boi-de-Mamão; Boi do Sadi, Bumba ou Folguedo-do-Boi; Boi-de-Reis; Boizinho, ou Boi-Mamão; Boi-de-Jacá e Dança-do-Boi. Isso conduzirá ao conhecimento de diferentes vertentes do Bumba meu boi que outras regiões desenvolvem.

Observação: para cada diferente manifestação, o docente deverá elaborar um plano de aula específico, propiciando às discentes aprendizagens significativas em caráter interdisciplinar. É importante explicar detalhadamente as atividades, pois se trata de um plano de aula individual. O que apresentamos neste trabalho, é um norteamento por meio de um panorama.

Dividir a sala em grupos iguais e pedir para que eles pesquisem sobre os diferentes tipos de Bumba-Meu-Boi para apresentação de um seminário, contendo abordagens do ponto de vista Musical; Histórico; Sociológico; Antropológico; Cultural Regional; Tecnológico; Religioso e Geográfico entre outros, propiciando metodologias interdisciplinares para uma vivência de mesma perspectiva. Sendo que os discentes apresentarão uma “música” como interpretes uma composição do grupo, a respeito da manifestação popular pesquisada, desenvolvendo e ampliar a autonomia e a capacidade criativa e até mesmo desenvolvendo capacidade de criticar de forma construtiva em práticas de composição e arranjo musical. Nesse momento, o pensamento crítico musical na avaliação de seus trabalhos e de trabalhos dos colegas, deverá ser exercido.

Final das atividades:

Os discentes, com ajuda do docente registrarão tudo para alimentar um “SITE ou um BLOG” referente ao projeto interdisciplinar, que tem como nome: “Música e interdisciplinaridade” criado por todos, e administrado pelo docente. Essa atividade articulará conhecimentos e possibilidades de uso tecnológico para a melhoria qualificada da aprendizagem na realização da manifestação popular na contemporaneidade conhecimento sobre os avanços tecnológicos, difundindo a manifestação em estudo de forma mais global além das salas de aula caracterizando a interdisciplinaridade.

RECURSOS:

Recurso humano; Livro didático; Equipamento de som e seus respectivos conectores; Pen drive e/ou Notebook; Datashow; Pincel para quadro branco; Internet. Instrumentos, cds, partituras,

BIBLIOGRAFIA/ DISCOGRAFIA

Música Bela mocidade de: Chico Naiva e Donato Alves (Boi de orquestra). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4o3wtQaMCK>

AMATO, R. D. C. F. Interdisciplinaridade, música e educação musical. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 30-47, jun, 2010.

REIS, J. R. D. S. D. D. **Bumba-Meu-Boi**: o maior espetáculo polular do Maranhão. Refêfe: Fundação Joaquim Nabuco, 1980.

SCHAFER, M. **Ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

VIANA, Raimundo Nonato. **O corpo estética e educação: olhar sobre as danças tradicionais**. São Luís: EDUFMA, 2011.

ANEXOS

BELA MOCIDADE

Bumba Meu Boi de Axixá

Quando eu me lembro,
Da minha bela mocidade.
Eu tinha tudo a vontade,
Brincando no boi de Axixá.
Eu ficava com você,
Naquela praia ensolarada,
E a tua pele bronzeada,
Eu começava a contemplar.
Mas é que o vento buliçoso balançava teus cabelos,
E eu ficava com ciúme do perfume ele tirar.
Mas quando o banzeiro quebrava,
Teu lindo rosto molhava,
E a gente se rolava na areia do mar.

Morena veja como é tão bonito
Quando a lua vem surgindo
E começa a clarear o mar
É quando eu me lembro
Dos tempos passados
Eu era o seu namorado
E vivia a contemplar
Naquela praia tão linda
Noite e dia a clarear,
O vento soprava forte
Querendo o teu lindo cabelo açoitar.

Naquela praia tão linda
Noite e dia a clarear,
O vento soprava forte
Querendo o teu lindo cabelo açoitar.
Mas é que o vento buliçoso balançava teus cabelos,
E eu ficava com ciúme do perfume ele tirar.
Mas quando o banzeiro quebrava,
Teu lindo rosto molhava,
E a gente se rolava na areia do mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que muito precisa ser feito referente ao estudo aqui defendido. Neste sentido, este trabalho sinalizou mais uma vez que são várias possibilidades de interdisciplinar a Música com outras áreas de conhecimentos, apresentando propostas de atividades metodológicas para lecionar Música significativamente em contexto/projetos interdisciplinar.

Estas propostas na realidade vigente, são importantes para que os docentes estejam inclinados a analisar suas experiências, como elas se apresentam no cotidiano aumentando a crença com intencionalidade à produção de conhecimento de forma mais ampla, fomentando cada vez mais o diálogo escolar. Com essa realidade constata-se que a docência amplia positivamente as metodologias, desenvolvendo uma aprendizagem referente aos conteúdos musicais e extramusicais, por meio de novas alternativas e ao mesmo tempo aprende tornando a Educação Musical significativa em caráter interdisciplinar. Partindo desse exercício docente, apresentamos a “Música” na Educação Básica de forma autônoma tanto quanto as outras áreas de conhecimento.

A contextualização que apresentamos propicia ações a fim de constituir a compreensão sobre o conteúdo anunciado de forma significativa para uma aprendizagem de mesma perspectiva. O ensino de Música pode promover variados conhecimentos além de suas fronteiras, desde que os docentes promovam ações interdisciplinares no sentido de desenvolver todos, atendendo com o cumprimento dos três objetivos que solicita a CB para com a nossa educação. Interdisciplinaridade como já foi citado, é a integralização entre duas ou mais áreas de conhecimento por meio do diálogo, perpetuando como porta de entrada para se trabalhar os “Temas Transversais”, haja vista que os mesmos representam amplamente todas as disciplinas.

As propostas trabalhadas significativamente em contexto/projetos interdisciplinares, acontecem por meio dos Temas Transversais, constando um amadurecimento de grande relevância a nossa educação básica. Neste sentido, de forma crítica, construtiva, ressaltamos que a real fundamentação contida nesse trabalho, propicia o engessamento de tudo que oprime o surgimento de novos saberes se fazendo necessária a inter-relação disciplinar, de modo dinâmico, para a construção do novo sistema científico educacional, em nosso caso, da Música. Sem negar a evolução do conhecimento, conclui-se que a Música, em uma perspectiva interdisciplinar, procura contemplar essa transformação com respostas plausíveis às interrogações advindas na

contemporaneidade. Toda pesquisa deriva de outra, ressaltando que, aqui nascem várias possibilidades de futuras pesquisas por meio da Música na mesma perspectiva desse trabalho para a melhoria do ensino aprendizagem da Música.

REFERÊNCIAS

- AMATO, R. D. C. F. Interdisciplinaridade, música e educação musical. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 30-47, jun, 2010.
- B823P, B. S. D. E. F. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação fundamental, Brasília : MEC/SEF, p. 130, 1997.
- B823P, S. D. E. F. Parâmetros curriculares nacionais : arte /Secretaria de Educação Fundamental, Brasília : MEC /SEF, p. 116, 1998.
- BASTIAN, G.H.Música na escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança/. Tradução de Paulo F. Valério. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BONATTO, A. et al. interdisciplinaridade no ambiente escolar. In.**SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL**, 9, 2012.
- BRASIL. **Parecer**, CNE/CES Nº DE 1º, v. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf, JULHO 2015.
- BRASIL, C. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL, L. D. D. E. B. D. E. N., 1996.
- BRASIL, M. D. E. E. D. D. S. D. E. F. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.
- BRASIL., M. D. E. E. D. D. S. D. E. Referenciais curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF: 3v.: il, v. 1, 1998.
- BRASIL., M. D. E. E. D. D. S. D. E. F. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /. Brasília: : MEC/SEF, v. 2, 1998.
- BRÉCIA, V. L. P. **Educação musical base psicológicas e ação preventiva**. Campinas; SP: Átomo, 2003.
- BREIER, F. T. et al. Interdisciplinaridade, música e colaboração na construção do saber. **Abem**, Natal, out 2015.
- BRESLER, L. Pesquisa qualitativa em educação musical: contexto, características e possibilidades. **Abem**, Porto Alegre, v. 16, p. 7-16, Mai 2007.
- COLL, César et al. Aprender conteúdos e desenvolver capacidades. **Porto Alegre: Artmed**, 2004.
- DE ALMEIDA FILHO, Naomar. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 3, p. 30-50, 2005.
- DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. [S.l.]: [s.n.], 1998.

DIDÁTICA e interdisciplinaridade / Ivani CA. Fazenda (org.). —. 13. ed. Campinas: Papirus, 1998. — (Coleção Práxis).

FAZENDA, Ivanir C. A. (Org). Didática e interdisciplinaridade. 13 ed. Campinas-SP: Papirus, 1998. (Práxis).

FAZENDA, I. **O que é interdisciplinaridade?** (Org): São Paulo, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola**. 2. ed. São Paulo: Cotez, 1993.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.-(Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª. ed. [S.l.]: [s.n.], 2004.

FREND, Perla; et al. Arte em interação. **Perla Frend, Tatiane Cristina Gusmão, Hugo Luiz Barbosa Bozzano.**—1. Ed.—São Paulo: IBEP, 2013.

KATER, C. **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações. Música na escola: Por que Música na Escola?: algumas reflexões Carlos, 2012. 42-45 p.

LIMA, S. A. D. Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino de música. **Revista Hódie**, v. 7, n. 1, p. 51-65, 2007.

LIMA, S. R. A. D. **Música, educação e interdisciplinaridade: uma tríade em construção**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2016.

LOREIRO, A. M.A. O ensino de música no ensino fundamental. 6ª. ed. Campinas: Papirus, 2010.

NETO, M. A. B. A educação musical em escolas públicas de São Luís/Maranhão. **II ENCONTRO DO ENSINO DE MÚSICA NA ESCOLA, COM O TEMA: MÚSICA E DIVERSIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO MÚSICA NA ESCOLA**, Bacabá, outubro 2015.

NETO, M. A. B. Interdisciplinaridade da Música no ensino fundamental, séries iniciais. **I SEMANA INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO E II SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA PARA A DIVERSIDADE**, Marabá, Fevereiro 2017.

NETO, M. A. B. **MÚSICA EM UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: o verdadeiro conceito de música, musicalização e educação musical, considerando a formação docente para o delineamento da construção da aprendizagem significativa, em meio a diversidade cultural na sociedade. IV SEMANA ACADÊMICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE PG-Cult.**, São Luís, n. 4, Abril 2017.

PENNA, M. Desafios para a educação: ultrapassar oposições e promovendo o diálogo. **ABEM**, v. 13, p. 35-43, mar, 2006.

PENNA, M. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PONSO, C. C. **Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014-(Música).

QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. M. Práticas para o ensino de música nas escolas de educação básica. **Música na educação básica** , Porto Alegre, v. 1, n. 1, out 2009.

REIS, J. R. D. S. D. D. **Bumba-Meu-Boi: o maior espetáculo polular do Maranhão**. Refife: Fundação Joaquim Nabuco, 1980.

SCHAFER, M. **Ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

SEVERINO, A. J. **O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como internacionalização da prática**. In: FAZENDA, Ivanir (Org.) 12.ed. Campinas: Papirus 2007, p.31-44. ed. Didática e interdisciplinaridade: Papirus, 2007.

SWANWICK, K. **Ensinando Música Musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

SILVA THIESEN, Juares da. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista brasileira de educação**, v. 13, n. 39, 2008.

VIANA, Raimundo Nonato. **O corpo estética e educação: olhar sobre as danças tradicionais**. São Luís: EDUFMA, 2011.

WILLE, R. B. Educação musical formal, não forma e informal: um estudo sobre processo de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **ABEM**, v. 13, p. 39-48, set 2005.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar** . Tradução de Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2002.